

APRESENTAÇÃO

POVOS INDÍGENAS NO ESPÍRITO SANTO: DESAFIOS DA INVISIBILIDADE HISTÓRICA E PROTAGONISMO POLÍTICO-SOCIAL

Em diferentes campos do conhecimento, as investigações sobre a presença e a importância dos povos indígenas têm ganhado impulso e, nos últimos 30 anos, isso estimulou uma rica produção científica dedicada a superar velhas concepções e narrativas sobre os povos originários. O dossiê *Povos indígenas no Espírito Santo: desafios da invisibilidade histórica e protagonismo político-social*, agora publicado pela *Revista do APEES*, faz parte desse processo de renovado interesse pelos povos indígenas e suas questões mais cruciais. Trata-se de um dossiê importante porque a historiografia, seja sobre o Espírito Santo, seja aquela relativa a várias outras partes e regiões do Brasil, foi constituída em grande medida ignorando os indígenas e, pior ainda, projetando sobre eles diferentes camadas de equívocos e preconceitos. Para este dossiê, contamos com a participação de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como história, arqueologia, geografia e biologia, mas que possuem um denominador comum: os povos indígenas.

O dossiê começa com o artigo de Rafael Cerqueira do Nascimento intitulado *De heróis a inimigos: a representação dos índios na historiografia capixaba*, em que o autor aborda como a construção do conhecimento sobre o passado colonial e imperial sobre o Espírito Santo ficou aprisionado à ideia de “atraso” e por um projeto político-científico voltada a compreender as raízes e causas desse suposto atraso. Nesse contexto epistemológico, os povos indígenas foram frequentemente reduzidos a um dos maiores “obstáculos” ao desenvolvimento do Espírito Santo nas temporalidades colonial e imperial, criando uma interpretação histórica bastante distorcida e reducionista, pois ignora as grandes contribuições dos povos indígenas na construção da sociedade, economia e política regional. O autor também analisa o giro historiográfico mais recente, que tem permitido uma nova compreensão sobre o lugar e as experiências indígenas na região. Não é demais acrescentar que a responsabilização dos indígenas pelo atraso do Espírito Santo é também política e ideologicamente perigosa, pois, no limite, tenderia a justificar, mesmo que de forma inconsciente, a eliminação dos direitos dos indígenas no presente-futuro, em nome de projetos de desenvolvimento regional.

No artigo intitulado *Vasco Fernandes Coutinho: Governança e actualidade nos Quinhentos*, Jefferson Ferreira Alvarenga dá continuidade à reflexão de cunho historiográfico, estabelecendo um diálogo com estudos desenvolvidos pela história regional.

Seu tema ou problema central são os pactos e as relações interétnicas estabelecidas entre indígenas e portugueses no primeiro século da colonização. Para alcançar seu objetivo, o autor também dialoga com uma linha de produção historiográfica que passou a pensar e investigar o mundo colonial como um espaço maior e mais complexo do que o sistema de *plantation*, em que também vigorou a adaptação de normas e instituições características do Antigo Regime.

O artigo *O silenciamento étnico do indígena integrado na história do Espírito Santo* é de autoria de Henrique Antônio Valadares Costa. Neste estudo, dedicado aos períodos colonial e imperial, o autor problematiza a categoria genérica “índio”, demonstrando os limites, simplificações e distorções advindos do uso acrítico desse termo. Para isso, faz uma leitura e interpretação das fontes primárias utilizando-se de dados e informações oriundas da arqueologia, etnografia e da historiografia, reencontrando na paisagem regional populações etnicamente bem definidas, que, em sua maioria, podem ser classificadas como Tupi ou Tupiniquim.

O artigo de Tiago de Matos Alves analisa um tema ainda novo e pouco explorado pela historiografia, representado pelas conexões entre povos indígenas, africanos e afrodescendentes, nos sistemas sociais escravistas inaugurados pela colonização. Em seu estudo, o autor traça o contexto histórico da colonização de São Mateus e da região norte do Espírito Santo, durante o regime colonial, e avança para o século XIX, com a ocupação do território do interior da bacia do rio Cricaré. Como demonstra Alves, a fronteira agrícola segue em direção oeste, criando uma zona de contato entre fazendeiros, indígenas e quilombolas, caracterizada por vários conflitos e por medidas de repressão desencadeadas pelo governo provincial.

Ainda sobre a região norte do Espírito Santo temos a “Colaboração Especial” de Izabel Maria da Penha Piva e Rogério Frigerio Piva, *Guerras e massacres: o genocídio dos povos indígenas no vale do cricaré*, na qual, a partir de registros arqueológicos e históricos, analisam a longa duração de ocupação de diferentes grupos étnicos indígenas naquelas fronteiras.

Simone Raquel Batista Ferreira é a autora do artigo *A identidade étnica botocuda da comunidade de Areal (Linhares, ES) e a desconstrução de sua invisibilidade colonial*, que finali-

za a seção de artigos do dossiê. Nesse estudo, a geógrafa explora um dos temas mais importantes da atualidade e que afetam os povos indígenas ainda não reconhecidos pelo Estado em sua especificidade étnica e incapazes, por isso mesmo, de terem acesso aos seus direitos constitucionais. Utilizando-se da metodologia da História Oral e da Cartografia Social, Ferreira pesquisou a Comunidade de Areal e Santa Maria, que situa-se próxima à foz do rio Doce e fez parte das articulações da comunidade para desconstruir sua invisibilidade política e estabelecer um lugar de fala. O estudo da autora é um potente testemunho sobre como o protagonismo dos povos indígenas emerge como contraponto à narrativa hegemônica acerca do extermínio deste povo, que ainda viceja na mentalidade regional.

O dossiê também conta com duas entrevistas e uma resenha crítica. A primeira entrevista foi realizada pelo professor Luiz Cláudio M. Ribeiro, do Departamento de História da UFES e coordenador do Laboratório de História Regional do Espírito Santo e Conexões Atlânticas do Programa de Pós-Graduação em História da UFES com a Dra. Tábata Hünemeier, pesquisadora do Laboratório de Genômica Populacional Humana da Universidade de São Paulo (USP). Na conversa a pesquisadora discorreu sobre o projeto de pesquisa genética dos grupos originários de diversos pontos da América do Sul, com destaque para a análise do DNA dos Tupiniquim do Espírito Santo e seus processos de territorializações, deslocamentos e demografia. A segunda entrevista foi feita pelo arqueólogo Henrique Antônio Valadares Costa com o professor indígena Marcelo, da etnia Guarani, cacique na comunidade onde reside, Ka'agwy Porã - Aldeia Nova Esperança. Na oportunidade, foram feitas perguntas acerca da trajetória pessoal e política de Marcelo, como na luta pelo território, por saúde, educação e outros direitos garantidos aos povos indígenas.

Diovani Favoreto encerra o dossiê com sua resenha *Demografia, mestiçagem e trajetórias indígenas na vila de Nova Almeida*, onde a autora analisa a tese da historiadora Tatiana Oliveira acerca do processo de expropriação das terras indígenas no Espírito Santo Oitocentista, bem como a resistência história daqueles grupos étnicos frente ao avanço colonial.

Nesta edição da revista contamos com quatro artigos livres: *Devassa: origens e significados históricos* de Bárbara Dantas e Luiz Cláudio M. Ribeiro; *A gestão de documentos no setor de telecomunicações: em foco uma perspectiva a partir do gestor de recursos humanos de uma empresa em londrina* de Afonso Henrique de Moraes e Diana Vilas Boas Souto Aleixo; *A USIA no Espírito Santo: a construção do inimigo na propaganda anticomunista em A Gazeta (1955-1956)* de Douglas Edward Furness Grandson e *Olendino José dos Passos: um nacional de cor em aracê no início do século XX* por Paulo César Ruas Oliveira Santos.

Dra. Vânia M. Losada Moreira - UFRRJ
Dra. Tatiana Gonçalves de Oliveira - UESPI

